

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II

*Hoc facit ut longos curent bene gesta per annos,
Et possint sera posteritate frui.*

TOMO XIX

(TOMO VI DA TERCEIRA SERIE)



RIO DE JANEIRO
IMPrensa NACIONAL

1898

1081-98

que ficaram em 1831, e para os quaes não ha possibilidade de um horizonte racional.

Seria bem digna da protecção do governo uma obra popular em que viessem os retratos e a vida de todos os homens uteis no Brazil, porque n'essa republica da morte encontraria a mocidade incentivos e esperanças para todas as vocações. O soldado, o marinheiro, o padre e o medico, se harmonisariam perfeitamente com o magistrado, o cultivador, o artifice, o estadista, o poeta, o philosopho, o geographo, o naturalista, o empresario, o banqueiro util, o artista, o empregado publico, o orador, e todas as outras alavancas da machina social; não esquecendo a mulher, para chama-la a um mais amplo desenvolvimento do seu amor e dedicação.

O Brazil ja tem tido homens que significam cousas, e que forão ardentes e incansaveis operarios da nossa constituição social. Com o intuito de engrandecer o material de uma obra que considero de grande utilidade, ja dei alguma cousa para a Revista do Instituto, e para outras publicações, e com o mesmo constante desejo irei d'ora avante coordenando os apontamentos que tenho, além de que se não percam. A futuros escriptores está reservada esta bella e tão proveitosa tarefa, e é a elles a quem consagro estas mal traçadas notas, que talvez lhes servirão quando escreverem a historia como deve ser, e não como a comprehendeu a maior parte dos nossos chrenistas.

APONTAMENTOS

SOBRE A VIDA E OBRAS DO PADRE

JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA.

I.

O grande artista de que nos vamos occupar foi um homem singular na arte de Gui d'Arezzo; foi uma organização especial, que ultrapassou a época em que viveu, e dominou por largos

annos o campo que invadiu com o poderio do seu engenho, com a sua fecundidade, e com a revolução que causou nos animos que conquistára.

Antes da sua apparição, houve nesta cidade um outro musico não menos notavel pelo seu espirito ascetico, e pelas composições sagradas que escreveu, as quaes ainda se cantam, e fazem a admiração de todos os artistas e amadores que apreciam a musica do santuario; mas este musico, o padre Manuel da Silva Rosa, compositor da celebre musica da Paixão de Jesus Christo, que se canta na capella imperial e no convento de S. Francisco, nada influu na educação do José Mauricio. Famulo do bispo Fr. Antonio do Desterro, viveu sempre retirado, e não me consta que fizesse alguém participante do seu admiravel talento (*).

Nasceu José Mauricio n'esta illustre cidade do Rio de Janeiro a 22 de Setembro de 1767, filho legitimo de Apollinario Nunes Garcia e Vitoria Maria da Cruz. Sabemos pela sentença de habilitação de *genere*, passada em seu favor a 27 de Junho de 1791 pelo padre Manoel dos Santos e Souza, secretario da camara episcopal, e assignada pelo Dr. Francisco Gomes Villas-Boas, deão da Sé, vigário geral e provisor do bispado, que José Mauricio fôra baptisado na antiga cathedral, hoje igreja do Rozario; e que seu pai era natural da ilha do Governador, freguezia de Nossa Senhora d'Ajuda, e sua mãe baptisada na capella de S. Gonçalo do Monte, filial da matriz de Nossa Senhora do Rozario, freguezia da Caxeira, do bispado de Mariana; pelo lado paterno descendia de uma familia estabelecida em Irajá, e pelo materno de uma crioulta de Guiné.

Na idade de seis annos teve a desgraça de perder seu pai, porém achou nas virtudes e no trabalho de sua mãe e de uma tia, que o amava extremosamente, todos os recursos, amparo e direcção da sua primeira educação.

Desde a mais tenra infancia manifestou uma inteira vocação pela musica. Tinha uma bellissima voz, cantava admiravelmente,

*) Era natural do Rio de Janeiro, e morreu a 15 de Maio de 1793.

improvisava melodias, e tocava viola e cravo sem jamais ter aprendido. Muitas vezes assombrou os homens profissionais, não só com os seus improvisos, e reflexões, como também pela prodigiosa memória que tinha em reproduzir fielmente tudo quanto ouvia executar.

Mandado para a escola de Salvador José, ahí se houve com tam rápida intelligencia, que em poucos mezes excedeu a todos os seus collegas, e foi considerado por aquelle musico o primeiro e o melhor de seus discipulos, e o unico de por si só poder continuar os estudos de uma arte, que requer, além dos dons naturaes, uma pratica não interrompida.

N'aquella alma de artista, n'aquella força da natureza, não existia somente a predisposição para comprehender altamente os bellos segredos da harmonia e melodia, havia mais que isso: havia uma poderosa dualidade como a que assignala todo o homem superior.

De seu motu proprio foi assentar-se nos bancos da aula do padre Elias, mestre regio de latim, e ahí adquiriu com igual facilidade aquella chave d'ouro que abre os thesouros da antiguidade classica, da philosophia, da historia, da eloquencia profana, e da sagrada com que mais tarde se adornou. Os seus progressos em latimidade foram tão extraordinarios n'aquelles tempos, que no fim de tres annos seu proprio mestre o declarou em estado de o poder substituir. Igual triumpho obteve na aula do Dr. Goulão com quem aprendeu philosophia racional e moral, e por quem foi proposto para substituto da cadeira regia, ao que José Mauricio se excusou, por não cortar os seus estudos artisticos, e a cultura de uma arte que já o punha a abrigo das maiores privações, e com ella ajudava a viver mais fartamente sua mãe e sua tia. Apesar d'esta recusa, José Mauricio leccionou alguns tempos depois, contando no numero de seus discipulos o conego Luiz Gonçalves dos Santos, autor de umas memorias bem conhecidas, e de alguns escriptos a favor da unidade do dogma e disciplina da igreja catholica romana, pelos annos de 28 a 30.

N'aquellas éras, a segurança individual, o estelo das familias pobres, e o amor materno, só achavam um asylo seguro e inviolavel na igreja, e por isso, e pelo espirito religioso da epocha,

as famílias tinham necessidade de que um filho ao menos as amparasse das violências tenebrosas do santo officio, das vinganças e fanatismo de seus terríveis familiares, da prepotencia dos maiores da terra, e das crueldades do recrutamento. O padre era a ancora de salvação da casa, o homem prodilecto, o filho mais querido, o laço da harmonia, o que nobilitava a familia, e a tornava privilegiada e comparticipante de todos os prazeres publicos de então, que se limitavam nas festas da igreja, e nas que a familia celebrava de harmonia com as do culto. N'aquella época do fanatismo e poderio monacal, as vestes religiosas tinham o prestigio e o privilegio de serem respeitadas desde a sala do vice-rei até a mais pobre habitação: o habito substitua a idade, o nascimento, a riqueza e o saber.

As vestes ecclesiasticas que tão bem exornavam as qualidades do espirito e coração de José Mauricio, o habilitavam para dignamente entrar no seio e confiança das familias mais gradas do paiz, cujos chefes lhe confiavam suas filhas, com quem passava horas inteiras no ensino e exercicios da musica.

N'esta vida de estudo e ensino, adquiriu elle essa prodigiosa execução que conservou sempre; e igualmente a amizade de todos os que o chamavam, entre as quaes a do abastado negociante Thomaz Gonçalves, que lhe fez patrimonio, e o pôz em estado de receber as ordens de diacono, e cantar missa solemne no anno de 1792; e de obter licença para pregar no de 1798, antes mesmo de haver estudado rhetorica com o Dr. Manoel Ignácio da Silva Alvarenga, o que succedeu de 1802 a 1804, como claramente se expressa o mesmo mestre, quando d'elle diz e attesta *« que frequentou a sua aula por espaço de dois annos, e que n'ella fez rapidos progressos, que varias vezes se encontraram. »*

Ao muito illustre e virtuoso bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho, ouvi muitas vezes elogiar o padre José Mauricio, não como artista, mas como um sacerdote dos mais illustrados da sua diocese, e a quem sobejavam talentos fora da musica. Elle foi do numero d'aquellas palestras litterarias que esse grande bispo fazia em seu palacio, das quaes eram membros effectivos o padre Caldas, o marquez de Maricá e outros escolhidos, os quaes cessaram na época da independencia,

por haver sido malintencionadamente espiado o seu palacio por ordem do governo (*).

Ouçamos a respeito do merito litterario de José Mauricio ao nosso Januario da Cunha Barbosa, juiz competente, e seu amigo; ouçamos o que disse no *Diario Fluminense* de 7 de Maio de 1830:

« José Mauricio juntava a todos estes estudos (os necessários « para o presbyterato), vastos e profundos conhecimentos de « geographia e de historia tanto profana como sagrada, e das « linguas franceza, e italiana, não sendo hospede na ingleza e « grega, que tambem estudara, mas não com tanto afuço ».

Ao entrar nos trinta annos de idade, por morte do reverendo João Lopes Ferreira, mestre de capella da antiga Cathedral e Sé, foi elle nomeado, como se vê do termo lavrado pelo beneficiado João Gonçalves da Silva Campos a 2 de Junho de 1798, com o ordenado de seiscentos mil réis annuaes. Organista e compositor, augmentou o coro da cathedra com um grande numero de discípulos escolhidos, e o brilho do culto com novas e variadas composições.

Com o ensino publico gratuito, e tambem com o particular, d'onde tirava a maior parte da sua subsistencia, com as suas

(*) Como sou devedor de grandes favores a este veneravel prelado, que me hospedou no seu palacio com bondade paternal, não desejo nunca que se supponha alguma coisa, a este respeito, por ter sido elle filho de Portugal, e acontecer isto no tempo da independencia.

O general Nobrega pediu ao Sr. D. José Caetano uma licença franca para que sua familia pudesse ir ao convento da Ajuda, e lá passar dias com uma freira sua parenta. A abbadeza d'aquelles tempos tinha pedido ao Sr. bispo o favor de negar taes licenças, porque perturbavam-lhe a ordem da casa.

O Sr. D. José, não querendo dar o motivo por que negava esta licença, para não comprometter a abbadeza, concitou as iras do general, e este foi dizer a José Bonifacio, que sabia de boa fonte, que o bispo fazia club contra a independencia. Immediatamente foi espiado o seu palacio, e o Sr. bispo sabedor d'isto mandou fechar as portas ás oito horas da noite, ordem que elle conservou severamente até á sua morte em 1833.

Queixando-me eu da injustiça que houve para com aquelle santo prelado, ao fallecido conselheiro José Joaquim da Rocha, este contou-me a origem do facto por lh'a haver narrado o proprio Nobrega; o qual ajuntara, que o fizera por cacoada, e para privar-lo de suas visitas á noite. José Bonifacio, assim como o Sr. D. José, morreram inimizados, e talvez sem saborem da origem de semelhante denuncia.

obras, espalhou o gosto da musica na futura capital, e o enraizou de tal maneira, que á cidade do Rio de Janeiro se pôde hoje chamar a cidade dos pianos.

Nos dez annos que serviu este novo emprego, foi que o grande artista começou a revelar-se altamente, e a dilatar-se no horizonte de suas creações; mas tão pobre ainda era, que não podia possuir um cravo, pois que ensinava os preceitos e a pratica da harmonia com uma viola de cordas metallicas na sua escola da rua das Marrecas.

II.

Em 1808, á chegada da familia real, estava então elle na força da idade e do talento. O principe regente, grande conhecedor da musica e de todas as praticas do culto, o admirou tanto, que sem a menor reluctancia nomeou-o, por decreto de 25 de Novembro do mesmo anno, inspector da musica da real capella, com o mesmo ordenado de seiscentos mil réis! E n'este decreto vem mencionada a aula de musica e o ensino gratuito que exercera José Mauricio!!! D'esta aula sahiram a maior parte dos cantores e instrumentistas que fizeram a orchestra da capella real, e alguns compositores, entre os quaes muito se distinguiram Francisco Manoel da Silva, Francisco da Luz, e Candido Ignacio da Silva; entre os instrumentistas, que ainda vivem, o padre Manoel Alves, Francisco da Motta, e alguns poucos valetudinarios. Logo que em 1813 chegou de Lisboa o famoso Marcos Portugal e com elle um bom numero de vozes e instrumentos, as funcções ecclesiasticas subiram ao ponto das da patriarchal de Lisboa, que eram copiadas fielmente das de S. Pedro em Roma, no que era possivel em um templo onde não pontificava o papa rodeado do sagrado collegio.

N'essas festas tão repetidas e prolongadas, nas continuas vigílias, ordenadas pela exigencia real, n'essas horas do trabalho do engenho, horas creadoras, porém fataes á vida, se foi pouco a pouco estragando aquella constituição robusta.

Obrigado a compor, a ensaiar e a residir, já em 1816 soffria, como elle mesmo o diz n'um requerimento ao bispo, em que pede licença para dizer missa em casa.

Para se avaliar o poderio e a força do talento de José Mauricio, basta dizer que el-rei o chamava o novo Marcos, antes que este celebre compositor tivesse chegado ao Brazil; e, que a despeito da sua cõr mixtiça, era tolerado na cõrte, n'essa cõrte onde o auto de nascimento formava o maior merecimento do homem, dava direito a todas as sympathias, e onde o ser Brasileiro, e mormente mulato, bastavam para alienar de si todos os favores, e mesmo muitos direitos.

O Senhor D. João VI era o unico que de coração nunca distinguia no homem incidentes ou accidentes: pai e principe havia nascido acima de todos os preconceitos da inveja, ou da moral de uma nação em decadencia, cujo egoismo e incapacidade se encastellavam no privilegio do acaso de ter nascido em Portugal.

Fóra da atmosphera da presença de el-rei, José Mauricio soffreu muitas vezes dos musicos portuguezes invecitivas bem dignas da estupidez altanada; porém sua alma nunca se dobrou a uma represalia.

Em uma d'essas grandes festividades, sentiu-se el-rei tam arrebatado de enthusiasmo, que, acabada a festa, mandou chamar ao paço o padre José Mauricio, e em plena cõrte, tirando da farda do visconde de Villa Nova da Rainha o habito de Christo, collocou-o com a sua propria mão no peito do seu musico, dizendo-lhe ao mesmo tempo as cousas as mais lisongeiras. Este facto memoravel para a gloria do artista, e para a do seu rei, aconteceu no anno de 1810 pouco antes de Fevereiro; porque professou em 17 de Março, tendo por padrinhos a Fr. Francisco José Rufino de Souza, o mesmo visconde de Villa Nova da Rainha, então barão, e Fr. José Marcelino Gonçalves, seu discipulo e filho do seu antigo protector Thomaz Gonçalves.

Foi este acto de el-rei a salvação de José Mauricio.

Pouco tempo depois, mandou-lhe dar uma ração de criado particular, a qual foi convertida em uma mensalidade de 32\$000 rs. a requerimento do musico, á vista dos embaraços que soffria na Ucharia dos empregados do paço.

El-rei, convencido dos incommodos de José Mauricio, provenientes da vida sedentaria, ordenou que se lhe mandasse dar um cavallo todos os dias. A ordem executou-se, pois que todas as

tardés vinha um moço com o cavallo, mas este era de tal natureza que o mestre, e nem o proprio moço ousavam ensala-lo por um minuto. Parece que o estribeiro menor d'aquelles tempos julgava iguaes talentos o de mestre de capella e o de mestre de equitação.

Na fragata que nos trouxe a archiduqueza, primeira Imperatriz do Brazil, veio uma banda de musica digna de acompanhar e suavisar a longa viagem d'aquella saudosa princeza. José Mauricio até então não havia visto essa precisão mechanica, essa igualdade de execução que é um dos privilegios dos compatriotas de Mozart e Beethoven, e nem tam pouco conhecia os novos instrumentos que ella trouxe. Tam enamorado ficou de ouvir aquella banda musical, que para ella improvisou doze divertimentos, que são doze peças admiraveis de inspiração. Durante os ensaios d'estas obras, o povo ia ouvi-las no largo de S. Jorge, defronte da casa de José Mauricio.

Algum tempo depois, e por ordem de el-rei, escreveu para o real Theatro de São João uma opera, intitulada — *Le due Gemelle*, cujas partituras se perderam, uma no incendio do mesmo theatro e a outra o original, nos papeis de Marcos Portugal, que foram vendidos a peso aos fogueteiros e taverneiros; pois que em uma nota escripta pelo proprio punho de José Mauricio feita no inventario da musica do real thesouro em 1821, se acha o seguinte:

« *Le due Gemelle, drama em musica por José Mauricio: com instrumental e partes cantantes: a partitura se acha em casa do Sr. Marcos Portugal.* »

Algumas pessoas dizem que esta opera nunca fôra á scena, porém outras affirmam que o fôra, mas que a monita secreta a separava do theatro, affirm de que somente Marcos Portugal ficasse em campo. Que este grande compositor era clumento temos mais de um facto, e muito salientes foram os que elle preparou para annullar Neucomm, e o joven Francisco Manoel da Silva, a quem o príncipe real, o Senhor D. Pedro I, havia promettido mandar á Italia (*).

(*) O Sr. Francisco Manoel da Silva, director actual do Conservatorio de Musica, depois de haver estudado com José Mauricio, passou

Com o regresso d'el-rei, as festas da capella foram modificadas, como se vê da provisão episcopal de 17 de Maio de 1822, onde o bispo declara: «ja não ser possível celebrarem-se os officios divinos com o mesmo rigor de forma e residencia, e solemnidade de cantorias, que fôra da sua primitiva instituição.» Os ministros da igreja se haviam retirado, e com elles alguns artistas, ficando entretanto os principaes, porque o principe regente tambem era musico, e havia ja composto alguma cousa, comquanto não fosse tam intimamente apaixonado pelo cantochoão, ceremonias e outras disciplinas proprias de uma cathedral altamente luxuosa.

III.

A musa de José Mauricio não revelou-se na independencia, porque, como dizia elle, o principe queria fazer tudo.

Se á nova fase dos acontecimentos politicos juntarmos trinta e tres annos de trabalho assiduo, e a privação de uma parte dos seus vencimentos á natural melancolia de um homem cansado, e que se havia existido para a sua arte e o serviço do seu rei, não estranharemos o grande abatimento em que cahiu. Nos ultimos tempos da sua vida se viveu para a arte, porque a ella consagrou todas as horas que não soffria cruelmente. E' d'essa época a famosa missa de Santa Cecilia, cuja partitura está no archivo do Instituto Historico, e a qual não se pode executar hoje por falta de vozes.

Ouçamos ainda o conego Januario: «José Mauricio começou a soffrer enfermidades, que muito se aggravaram pelo trabalho a que se dava no desempenho das suas obrigações, perdendo muitas vezes noites inteiras em longas composições que o Sr. D. João VI

receber Hoções de Neukomm. Moço ainda, compoz um *Te-Deum*, e o offereceu ao principe real, e S. A. ficou tam contente da offerta, que prometteu mandar o joven compositor para a Italia. O Sr. Francisco Manoel fazia parte da musica da real camara, e como tal estava sujeito a Marcos Portugal, que era o mestre; e este para desvia-lo do gosto e do tempo de compor, passou-o de violoncello, que era, para violino, ameaçando de o pôr na rua se não estudasse assiduamente. Para quem tem pratica das cousas da vida, e da arte, o caso está bem claro.

queria ver concluídas com a maior presteza; a sua vida se foi gradualmente enfraquecendo, até que em um ataque mais forte, e quasi repentino, teve o seu termo.»

El-rei acostumado aos milagres da musa do nosso artista, já não media o tempo, so marcava o termo; e todos nós podemos avaliar as horas de agonia por que passou aquella celebridade, vendo o tempo correr, e perigar a sua reputação si acaso a inspiração falhasse, ou se um d'esses sonhos artisticos a que estão sujeitos todos os homens inspirados lhe viesse roubar o tempo preciso e entrega-lo á implacavel injustiça dos seus collegas, promptos á escuta, postados á mira para anniquila-lo. E para elle os perigos duplicavam, porque estava so, e nem ao menos tinha o privilegio do nascimento, que o escudaria com todas as prevenções favoraveis. Por toda a parte se ouvia murmurar um desfavor após um facto brilhante. Estes echos da parcialidade precisavam de ser cobertos e abafados com novas harmonias, com amplas e severas composições, e com hymnos que entoassem o triumpho do proprio artista.

Oh! é muito ingrata a sorte do homem a quem soffocam, e que procura a vida; é por extremo dolorosa a situação do artista que tem consciencia de si mesmo, que conhece o seu valor, o clarão do seu lume, e a quem rodeam de trevas, que elle vence, mas que se não extinguem. Si não tivera el-rei por seu lado, mil vezes estalaria de dôr: o que eu tenho soffrido d'aquella gente, dizia elle, so Deus sabe.

Ha soberanos que são seguidos nas suas jornadas por seus monteiros, pelos seus cães, e pelos seus cavallos; outros pelos seus actores e bistrões; muitos pelos seus soldados, e alguns pelos seus bufos e parasytas: o senhor D. João VI era acompanhado pelos seus padres e pelos seus musicos. O espirito e praticas ecclesiasticas estavam sempre com elle. N'um corredor estreito de São Christovam celebravam-se ceremoniosas festas, com musicas novas, e com as predicas de um São Carlos, de um Sampaio, e de um Monte-Alverne. Na fazenda de Santa-Cruz, onde havia mais espaço, se executaram magnificas composições, escriptas lá mesmo, quasi sempre improvisadas pelos seus mestres de capella. N'uma d'essas jornadas, escreveu José Mau-

rição a sua famosa missa da degolação de São João Baptista, e outras obras de que elle mesmo se esqueceu. Foi esta missa a que poz termo a todas as invectivas dos musicos da real camara, porque esta obra a grande instrumental foi toda escripta no espaço de vinte dias, havendo Marcos Portugal gastado um mez em compor as matinas, a orgão e duas vozes.

Para se avaliar a presteza e fecundidade d'este mestre, basta enumerar as obras que escreveu até o anno de 1811, cuja lista extrahi de um borrão do inventario das musicas existentes na capella real, feito pelo proprio punho de José Mauricio: sobem acima de 200 as peças mencionadas. Espero com o tempo merecer de alguém a quem ultimamente me dirigi o poder completar este catalogo, assim como o das obras de Marcos Portugal, em muito perfeito estado até certo tempo, porque possui o autographo.

Ha uma molestia d'alma que colloca o homem n'um mundo de torturas, ou n'um continuo naufragio quando a sua origem provém de uma estulta vaidade: esta molestia é a inveja. Os invejosos pulam ao céu de contentes quando acham uma palavra para abater o merito alheio, para torna-lo ao menos duvidoso na consciencia dos inexperientes. Não tem gosto; era a ponta do punhal com que feriam José Mauricio; não tem gosto, nunca sahio d'aquí, não viu nada, não foi á Italia, não aprenderu, não teve mestre, não frequentou os conservatorios! tal era a ladinha estudada e unisona de homens que nunca passaram do papel que representa o tubo de um orgão, e a quem a natureza havia negado o dom de combinar algumas notas e compor uns dez compassos. O tufão da morte os arrojou no mais perfeito esquecimento, e si algum existe hoje, so é conhecido por si mesmo.

Depois da retirada de el-rei e consummada a independência, foi que Marcos Portugal conheceu o bello e nobre character de José Mauricio, e tanto o admirou, que morreu seu grande defensor e amigo.

Os acontecimentos politicos mudaram a situação dos Brasileiros, e retrahiram as expansões e os actos ostensivos da maior parte dos homens que até então se julgavam os senhores da terra, e

como tal superiores em todas as faculdades humanas, apesar de que o medico da rainha, o Dr. Manoel Luiz, repetisse sempre: que em Portugal nasciam os musculos da nação portugueza, e no Brazil os nervos.

José Mauricio viveu sempre na intimidade dos grandes mestres. Fazia gosto ouvi-lo analysar uma partitura como um rhetorico analisa uma oração. Senhor de uma prodigiosa memoria, possuia a mais vasta erudição musical que é possível; nada lhe escapava: imitação, ou furto, elle indicava, e logo a obra e o logar preciso.

Por aquella gratidão artistica, e espirito de justiça aos seus favoritos mestres da Allemanha e Italia, o vimos uma vez affligir-se e queixar-se da versatilidade dos seus companheiros d'arte, que escureciam os velhos mestres para darem a Joaquim Rossini o sceptro da arte musical. Levado de indignação, começou a destilar as Operas do cygne de Pesaro, a despir essas creações melódicas, essas belezas harmonicas, e a mostrar a sua origem, a fonte pura d'onde emanavam mais ou menos disfarçadas; mas ao chegar a um ponto, e era na opera de Mathilde, parou, e sorrindo-se exclamou: não, isto é novo, isto é sublime; é um homem immenso, é um genio que ha de ir longe: já escreveu a aria da calunnia, e mais dous pedaços concertantes que admiro! E Joaquim Rossini ainda não tinha dado ao mundo o Moysés, ainda não tinha mimoseado o seu seculo com o Guilherme Tell, e o Stabat Mater.

Era maior a sua probidade artistica do que aquella irritação; o seu enthusiasmo para com Mozart, Haydn e Beethoven era justissimo, porque n'esta triada estava toda a gloria da arte germanica, e aquella escola severa que plantou nos asperos climas do norte uma arte scientifica, bella, e proprietaria de infinitos primores.

O celebre Neucomm, discipulo de Haydn, que veio para esta côrte como lente de musica quando veio a colonia artistica dirigida por Lebreton para fundar a Academia das Bellas Artes, e que foi victima da parcialidade que invectivava José Mauricio, me disse, em Paris, a proposito do mestre brasileiro, que elle era o primeiro improvisador do mundo. Lamentou a sorte do

artista no Brazil, louvou o seu character, e apreciou as agonias do autor da famosa missa de Requiem; e a proposito narrou-me o seguinte facto, que no meu regresso á patria foi confirmado pelo cantor Fasciotti, que o testemunhara igualmente.

« Em uma d'aquellas reuniões que se faziam em casa do marquez de Santo-Amaro, fizemos prova de algumas musicas que me chegaram da Europa. Todas as vezes que se tratava de cantar, cedia o piano ao padre-mestre, porque melhor do que elle nunca vi acompanhar. Entre varias phantasias, Fasciotti cantou uma barcarola que foi freneticamente applaudida e repetida. José Mauricio, que estava no piano, como que para descansar, começou a variar sobre o motivo, e com os nossos applausos a crescer e multiplicar-se em formosas novidades. Suspensos, e interrompendo a nossa admiração com ovações continuas, alli ficamos até que o toque da alvorada nos viesse surpreender. Ah! os Brasileiros nunca souberam o valor do homem que tinham, valor tanto mais precioso pois que era todo fructo dos seus proprios recursos! E como o saberiam? Eu, o discípulo favorito de Haydn, o que completou por ordem sua as obras que deixara incompletas, escrevi no Rio de Janeiro uma missa, que foi entregue á censura de uma commissão composta daquelle pobre Mazzioti e do irmão de Marcos Portugal, missa que nunca se executou, porque não era d'elles.

« Alguns tempos depois, entrando eu na capella real por acaso, ouvi tocar no órgão umas harmonias que me não eram estranhas; pouco a pouco, fui reconhecendo pedaços da minha desgraçada missa; subi ao coro, e dou com José Mauricio, tendo á vista a minha partitura, e a transpô-la de improviso para o seu órgão. Approximei-me d'elle, e fiquei algum tempo a admirar a fidelidade e valentia de execução d'aquelle grande mestre: nada lhe escapava do essencial.... não pude resistir, abracei-o quando ia acabar, e choramos ambos sem nada dizer. »

Neukomm foi o compositor d'aquelle concerto monstruoso, composto de tres mil artistas, que se executou na inauguração da estatua de Guttenberg! Neukomm veio para o Brazil em

companhia de João Baptista Debret, de Nicolau Taunay e de Grandjean de Montigny, na qualidade de mestre de contraponto. Nunca ensinou : apenas deu algumas lições particulares a Francisco Manoel da Silva, e talvez que estas lições fossem a causa de ser este joven perseguido artistica e machiavelicamente por Marcos Portugal logo que lhe apresentou o primeiro *Tedeum* de sua feitura.

Havia o nosso artista improvisado tanto e sem descanso, que uma vez entrando pelo coro da então ja capella imperial, parou na porta, e perguntou a um de seus discipulos, como que extasiado : De quem é esta bella musica ?!

E' sua, padre-mestre, pois não se lembra ?

Minha? responde José Mauricio! — Sim, senhor, sua. — Está-me parecendo agora; mas quando escrevi-a eu, que me não lembra?

No tempo do rei velho, lhe voltou o discipulo.

José Mauricio calou-se, abateu a cabeça, limpou as lagrimas e disse entre soluços:

« Ah! n'aquelles tempos, quando me assentava à mesa tinha nos meus olhos el-rei, e nos ouvidos uma orchestra immensa e prodigiosa. Multas noites não pude dormir, porque essa orchestra me acompanhava, e era tal o seu effeito que passava as noites em claro; e infelizmente nunca pude escrever aquillo que claramente ouvia. Hoje, so ouço o cantar dos gritos, os meus gemidos, ou o gaurir dos cães que me incommodam e me entristecem. »

A musa, a formosa e seductora filha do céu, é como a belleza corporal, que se transforma em asco na velhice, mormente quando a miseria a vem perseguir. O homem de engenho, que viveu no idealismo, se não tem uma patria agradecida, é a imagem do mais terrivel desengano quando a idade lhe extingue o lume do céo, e lhe quebra as forças: é a formosura admirada, a rainha dos prazeres transformada na mulher que expira no catre do hospital.

Em 1830, o Brazil tinha ainda o seu principe, mas n'elle ja não havia o seu defensor perpetuo, o astro do Ypiranga; porque a calunnia e os máus conselhos o haviam precipitado no ex-

tremo d'aquella grande resolução, e d'aquelles actos que pertencem hoje ao dominio da historia, e á admiração dos homens. A arte e os seus ministros n'estas épocas de transição vivem a vida dos proscriptos, sobretudo nos povos onde o principe é a força motriz da machina social.

Na manhã do dia 18 de Abril de 1830, cantando o hymno de Nossa Senhora, expirou José Mauricio, na casa n.º 18 da rua do Nuncio.

Chamado por seu filho, o dr. José Mauricio Nunes Garcia, actual lente de anatomia na escola medica d'esta còrte, e então meu companheiro de estudos, fiz tirar-lhe uma mascara em gesso das suas feições, a qual me acompanhou á Europa, e se acha hoje depositada no Museu Nacional com as mascaras de Dante, Tasso, José Bonifacio, Antonio Carlos e Januario Arvellos.

Quando o conego Luiz Gonçalves veio para vestir o cadaver, já o achou prompto, porque a esse acto piedoso se prestara seu filho. Ainda me lembra, como se estivera presente, de o ver no leito da morte com as vestes de que usava no interior de sua casa, que eram umas calças e jaqueta de seda rouxa; ainda estou vendo a sua mesa, onde se achava o tratado de contraponto e harmonia que havia terminado poucos dias antes de morrer; e sobre uma folha de papel um circulo movediço no qual estavam marcados todos os tons, e que movido em qualquer sentido que fosse, apresentava em roda um systema completo de harmonia. Este tratado e este engenhoso invento desapareceram da mesa no mesmo dia.

A irmandade de Santa Cecilia, que lhe fez o enterro e funeral, desejou guardar os seus ossos, porém seu filho cumpriu a vontade paterna, depositando-os na ordem de São Pedro. Hoje se acham na igreja do Sacramento, por uma provisão de monsenhor Narciso.

Foi José Mauricio um homem de estatura mais que ordinaria; tinha uma physionomia nobre, um olhar penetrante, e luminoso quando regia a orchestra, ou fallava da arte; as dimensões e saliencias osseas do seu todo, mostravam que havia sido de uma forte constituição. Tinha nos labios, na fórma do nariz, e na saliencia dos pomollos os caracteres da raça mixta.

O dr. Dannessy, phrenologista e discípulo fanático de Gall, possui uma cópia da máscara acima referida no seu gabinete em Paris, mas nas suas indagações enganou-se redondamente, o que bem prova a respeito do cerebro e suas protuberancias externas, que as mais das vezes o miolo é quem decide e não a casca. Estes enganos do mesmo doutor se repetiram em outras vezes na legação brasileira, depois de haver apalpado um grande numero de cabeças brasileiras.

A arte do sanctuario, depois da morte d' este grande musico, ficou sem guia. Pedro Teixeira, homem de talento mas pobre, a substituiu ao ponto de transformar o canto sagrado em operas italianas, e o libreto nos hymnos da Igreja. Este mau gosto propagou-se até a indecencia de ha poucos mezes applaudir-se na igreja as arins do Provisorio como na sua platea. A Academia das Bellas Artes, á vista de tanta profanação, elevou o seu protesto á presença do governo imperial, e d'elle espera providencias salutaes.

A época em que vivemos é uma época de reconstrução ; a voz do artista ja encontra um echo nas summidades sociaes, e a arte um desvelado e espontaneo protector no principe philosopho que preside e protege as sessões e os trabalhos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

VALENTIM DA FONSECA E SILVA.

Segundo as noticias mais fideis, pertence á provincia de Minas a gloria de ter dado ao Brazil este admiravel mestre da arte toreutica, de quem temos em varias Igrejas da capital um testemunho de sua pericia. Seria difficil ha quinze annos fazer o elogio d' este artista, sem desafiar os animos d' aquelles que seguiram a escola chama-la classica, aquella que foi propagada por Wicelmann e Raphael Mengs, exemplificada por David, Pompeu Battoni, Percier e Fontaine, e exagerada por Canaccioli, Vala-

dier e Benvenuti. As crenças também se renovam no mundo artístico para justificar o círculo vicioso da Vico: o barroquismo, condemnado ha 15 annos como um delirio do espirito humano, está hoje outra vez em voga; mas não é somente a moda, a densa soberana dos espiritos volúveis, que concorre para estas mudanças artisticas nos nossos tempos, mas sim aquelle espirito de mobilidade da sociedade moderna, que faz hoje em cinco annos o que em outras eras se fazia n'um seculo!

Os nossos melhores templos foram começados quando a arte borromínica triumphava na metropole da America portugueza, motivo este por que vómos abundar aqui semelhante estylo. Os productos da arte toreutica na actualidade são inferiores aos d'aquelles tempos: os nossos entalhadores, á excepção de dois, não tem cabeça nem mão: e se o Sr. Padua não restaurar esta arte, muito terão que soffrer os nossos templos em conclusão n'um paiz singularmente rotineiro em certas cousas, e no qual se não comprehende a forma e ornato das igrejas senão como o passado. As formosas chancelas e as pinturas a fresco tem muito ainda que esperar, apesar de sua superioridade em belleza e asseio, e de sua grande economia.

Até hoje tem sido mallogradas todas as tentativas que fiz para saber ao certo o dia e lugar do nascimento do mestre Valentim, assim como o da sua morte, bem que me dêsse ao penivel e fastidioso trabalho de andar por essas igrejas a mendigar favores, e a ler e raler os assentos dos obitos. Tudo o que aqui relato a respeito d'este artista, devo-o em parte á bondade do Sr. Simeão José do Nazareth, discípulo de Valentim, e author da obra de talha da nova Igreja de S. José.

Valentim era filho de um fidalgo portuguez, contractador de diamantes, e de uma crioula natural do Brazil.

Pela sua vivacidade e intelligencia, pelo natural amor, seu pai o levou para Portugal, onde o mandou educar; mas este amor durou poucos annos, porque os parentes trataram de o reenviar para o Brazil conjunctamente com sua mãe, logo que seu pai fallecêra. Os nossos antigos faziam-no educado em Lisboa, o que me parece impossivel, porque Valentim, segundo o affirmo

o Sr. Simeão, e os que o conheceram de perto, conservou até morrer o sotaque minhoto; e não é possível a um Brasileiro apanhar este vício de pronuncia em Lisboa, onde se não troca o b. por v., e nem se falla á gallega. Que este artista fôra de tenra idade, e voltara ainda joven, é facto constante, assim como de que fôra aqui que aprendêra a arte toreutica com o entalhador que fez as primeiras obras da ordem terceira do Carmo, as quaes foram concluidas em parte por Valentim, e ultimamente, no mesmo estylo, pelo Sr. Padua.

Possuía este mestre, além de sua grande facilidade na invenção, grande amor ao trabalho. A elle corriam todos os artistas do Rio de Janeiro, mormente os ourives e lavrantes para oblerem desenhos e moldes de banquetas, ciriaes, lampadas, custodias, frontaes, salvas, reliquarios, e tudo o que demandava luxo e gosto. Talvez fosse Valentim uma das causas poderosas que motivaram aquella barbara carta regia de 30 de Agosto de 1766, que mandou fechar todas as lojas de ourives, sequestrar todos os instrumentos da arte, recrutar todos os officiaes solteiros, prohibir o officio no Rio de Janeiro, e castigar os delinquentes com as penas dos moedeiros falsos! porquanto é sabido, e foi sempre constante, que semelhante carta regia fôra lançada em favor de alguns ourives de Portugal a quem os nossos tiravam o ganho, o que é claro á vista da perfeição das obras de prata e ouro d'aquelles tempos, e das lampadas e mais objectos que se veem em São Bento, Carmo, e Sancta-Rita, modeladas e inventadas por Valentim.

A este eugenioso artista pediu o celebre João Manço, conhecido pelo chimico, o modelo dos dous aparelhos de porcelana que fizera com o kaulin da ilha do Governador, os quaes foram admirados em Lisboa, mormente o que se não quebrava, por ser de metal coberto de esmalte. D'este João Manço ha um camapheo no gabinete de medalhas do museu, e o sr. commandador José de Oliveira Barbosa possui outros do mesmo autor.

O vice-roi Luiz de Vasconcellos deu sempre ao mestre Valentim todas as provas ostensivas de uma grande estima, porém o nosso artista queixava-se de que s. ex.^a era mais predigo de

palavras do que de ouro, o que pouco lhe convinha, pois se não nutria com carinhos vindos de quem podia, e lhe não poupava as horas de descanso. Estas queixas deviam ser sinceras, porque o nosso modesto e religiosissimo artista tinha o bom gosto de se ligar estreitamente com estrangeiras, o que lhe não custava pouco, porque Valentim não tinha um exterior amavel, nem maneiras sedutoras.

A igreja da Cruz, que passou sempre por ser obra de Valentim, talvez porque a concluiu nos trabalhos exteriores, e fizesse toda a obra de talha do interior, é feitura do brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, como o verifiquei pela leitura das actas e correspondência da Irmandade, mormente na carta de ordens de 13 de Outubro de 1765, na qual se faz a encomenda de toda a obra de marmore, para Lisboa, e onde se fallaahi nos desenhos feitos pelo sobredito Faria, não só do templo, como das peças encomendadas. Aquelles bellissimos capiteis, misulas, fechos de arcos, florões das quartelas e outros objectos custaram pouco mais de 60\$000 réis, o que não seria de admirar, a não ser sua porfeta execução. Hoje ja se não trabalha em Lisboa assim, nem tão pouco ha aqui engenheiros que desenhem uma igreja como a da Cruz, o que bem prova a nova igreja da freguezia da Gloria, e suas tristes vicissitudes, assim como a de Nietheroy.

Tambem affirmavam os antigos de que o risco da Candelaria pertencera a Valentim, o que não é exacto; o mestre Marcelino, canteiro, e autor da obra, ouviu muito a Valentim, mas não seguiu os seus conselhos em tudo, porque este mestre se queixava de que a tenacidade de Marcelino era a causa de ficar aquelle templo defeituoso; e Valentim se não enganou: o seu interior é uma desharmonia com o exterior.

Quando Luiz de Vasconcellos mandou abater o monte das mangueiras, que era um espigão do morro de Santa Theresa, para abrir a rua actual, empregou toda a terra que d'alli sahia para aterrar um grande pantano que havia junto á Lapa, e sobre esse terreno artificial fez o actual passeio publico.

Para realisar o bemfazejo pensamento do vice-rei, foram chamados os dous homens mais engenhosos da época: o mestre Va-

lentim, e o celebre Xavier das Conchas, assim aleunhado pelos formosos trabalhos que fazia, dos quaes ainda existem muitos em varias casas antigas, entre ellas a do Sr. Francisco Alves Machado, da villa da Estrella, onde ha um bellissimo trabalho d'este artista.

Valentim deu o risco e os modelos de toda a obra architectonica, e Xavier se occupou em ornar os dous pavilhões do antigo terraço, ora substituidos por dous pesados torreões octogonos, sem forma e sem belleza. Em 1818, poucos mezes depois da morte da Sr.^a D. Maria I, ainda se viam esses pavilhões, pois que d'elles tenho lembrança: o tecto do da esquerda era todo ornado de pennas de passaros, e o do da direita de conchas, formando meandros e arabescos variegados. Valentim modelou aquelle grupo de jacarés; e porque falhasse a primeira fundição, foi elle em pessoa executar a segunda, que deu o resultado que admiramos hoje. E' tambem d'elle o menino que vòo e sustenta um kagado, que vomita agua em um barril de granito, assim como o eram varias estatuas que desapareceram.

Na época da minoridade tiraram as armas do vice-rei, e collocaram as do imperio; mas no governo da maioridade julgou-se, pelas razões que dei em um artigo de jornal, que se deviam restaurar as antigas.

Este menino de que falei, e que tem aquella popular divisa: *sou útil ainda brincando*, tinha desaparecido, e qual não foi o nosso assombro quando o governo mandou annunciar: que quem quizesse fazer outro igual e mais barato, que se apresentasse na administração das obras publicas!

Havia antigamente um chafariz bem no meio do largo do Paço, o qual foi substituido por o actual, que é obra de Valentim, segundo o affirmam os antigos. O mesmo mestre fez prova de actividade e intelligencia na reedificação do recolhimento do Porto, incendiado em 23 de Agosto de 1789, e seis mezes depois prompto e acabado. Este facto está escripto em dous paineis a oleo na sacristia da Igreja, nos quaes se vêem os retratos do vice-rei e do mestre Valentim. E' preciosa, como documento historico, esta obra de Leandro Joaquim, e muito mais o será

para os vindouros, pois ali se vêem os trajes da época com a maior fidelidade. Estes dous painéis serão um dia o que são hoje as pinturas de Giotto, Masaccio, e outros mestres que precederam a renascença.

Os discípulos de Valentim que mais se distinguiram na arte toreutica foram Francisco de Paula Borges, José Carlos Pinto, e o Sr. Simeão, que ainda vive em Catumbý.

Os artistas modernos dão muito apreço ás obras de Valentim e o consideram como um mestre de primeira ordem no estylo borrominico: os trabalhos que nos deixou no Carmo, os da Igreja da Cruz, e sobretudo os da capella môr da igreja de S. Francisco de Paula, não desmentem semelhante estima. O tecto da igreja da Cruz é um primor d'arte pela harmonia que reina entre os claros e meias tintas, e pela perfeição de todas as regras da eurythmia.

A arte toreutica está em decadencia, e não poderá ser restaurada; porque o Sr. Padua, unico que merece o nome de artista, não poderá dominar o espirito mercantil da época, e nem infundir o gosto do bello em homens como são os que formam a maioria das mezas das nossas confrarias religiosas; os exemplos que está dando actualmente na igreja do Sacramento, não hão de fructificar convenientemente; porque estamos em uma época onde cada homem pensa saber mais da profissão alheia do que da propria; e as provas ahi estão na maneira por que foi julgado o poema do Sr. Magalhães, a confederação dos Tamoyos, e o famoso artista Tamberlick.

Nos tempos antigos a vara do criterio não passava das mãos dos juizes para as dos beaguins; não havia esta especie de anarchia intellectual provinda de uma fatuidade singular, nem esta arrogancia, que faz de cada individuo o centro de um mundo exoeptional, e uma especie de papa, infallivel em todos os seus juizes e arestos. A nossa mocidade, concebendo o bello de uma maneira absoluta, e *sui generis*, não poderá voltar ás vias da razão pratica senão depois de longas provas, porque d'estas resultará então o conhecimento do que é bello humanamente, e o que pode relativamente fazer o homem no mundo das artes.

Valentim não foi um semideus, e nem um d'esses homens notáveis como os poucos que aponta a historia, mas foi um grande artista, um homem extraordinario para o Brazil d'aquelle tempo e para o de hoje, e o seu nome deve ser venerado.

FRANCISCO PEDRO DO AMARAL.

Na época em que se manifestou a vocação artistica d'este laborioso fluminense, tinham desaparecido Valentim, Leandro Joaquim e Rymundo. José Leandro, pelas virtudes naturaes, era o artista de maior vulto, porque era o melhor retratista da época. Com José Leandro começou a estudar o desenho Francisco Pedro.

Logo que Manoel Dias de Oliveira Brasiliense veio para o Rio de Janeiro como professor regio de desenho, Francisco Pedro foi para a sua aula, onde esteve sete annos, e estudou o modelo vivo.

Apezar de sua constante applicação, nunca chegou ás alturas da pintura historica, fosse por causa do methodo de ensino do seu novo mestre, ou porque suas disposições naturaes o afastassem d'este genero de pintar; o certo é, que da escola de Manoel Dias não sahio um unico figurista que tal nome mereça.

Com a vinda da colonia artistica franceza, e com os exemplos que esta déra nas festas reaes do casamento do principe real com a archiduqueza d'Austria primeira imperatriz do Brazil, Francisco Pedro abandonou a sua antiga escola e seguiu as doutrinas dos novos mestres. Começemos pois o itinerario do seu desenvolvimento.

A situação dos artistas d'aquelles tempos é quasi a mesma dos da época actual; os que não tinham vocação para o retrato, procuravam na decoração dos edificios o seu modo de vida.

O primeiro trabalho d'este artista, que fez a admiração geral foi uma miscellanea, que se conserva no Museu Nacional, offerecida ao ministro Thomaz Antonio, além de que este o nomeasse

substituto da cadeira de desenho, o que não teve lugar por causa da projectada vinda dos artistas francezes, que deviam vir fundar uma Academia de Bellas Artes, á qual foi addido Francisco Pedro, mas sem venimento algum.

Para obter os meios de subsistencia, Francisco Pedro foi trabalhar debaixo da direcção de Manoel da Costa, pintor portuguez e scenographo do real theatro de S. João.

Como era muito intelligente, laborioso, e modesto, esteve alguns annos com Manoel da Costa, cujo character era bem difficil de supportar-se, mórmente em certas horas do dia.

Costumava este mestre dormir um largo espaço para completar a digestão, e isto o fazia na propria sala de pintura, por cima do tecto do theatro. Um dia em que havia pouco que fazer, e que o mestre, pelo que havia jantado e bebido, promettia um largo somno, veio o demonio tentar a Francisco Pedro, e obriga-lo a esconder as chinellas do mestre, e a pintar no seu lugar outras iguaes; e, para mais augmentar a tentação diabolica, desensofrido, começa a fazer grande barulho na sala de pintura. Manoel da Costa acorda sobresaltado, senta-se, quer calçar-se, mas em vão; seus pés passavam e repassavam no ar, roçavam pelo chão, e nunca enfiavam as chinellas; abaixa-se, e reconhecendo o artilho do seu modesto discipulo, corre para elle com um serrafo, que a não ser a ligeireza de Francisco Pedro, ali ficaria morto.

Pouco tempo depois, trabalhou no mesmo theatro com um pintor e architecto Italiano, chamado Argenzio, homem de talento, e de cujas composições vimos algumas cópias. E' d'este homem um grande plano para o melhoramento da cidade, o qual se acha na preciosa collecção do archivo militar.

Depois passou a trabalhar com José Leandro, e com Francisco Ignacio, que tambem fôra discipulo do Costa.

Encarregado pelo mordomo da casa imperial de diversos trabalhos, deixou o theatro e se occupou exclusivamente da decoração. Logo que chegou aqui a primeira imprensa lithographica com um suizo, chamado Steinmann, veio tambem uma pequena prensa para o fallecido imperador fazer ensaios particulares. Francisco Pedro, pela sua intelligencia e habilidade manual foi

o ajudante do principe, e victima de sua fidelidade e respeito, porque o tornaram unico responsavel de duas caricaturas que em São Christovam se estamparam.

A officina era no torreão velho. N'um dia de grande gala, no gabinete do principe, estava Francisco Pedro desenhando uma caricatura a certos desembargadores; um marquez d'aquella época e familiar do principe, tendo entrado no quarto, e desejando ver o que se fazia, approximou-se do artista, e este cobriu immediatamente a pedra. O marquez pede-lhe para ver, e como não obtivesse, intenta em ar de graça fazê-lo: trava-se uma lucta silenciosa entre o artista e o fidalgo; e nos movimentos que houveram, cabe uma cadeira, borra-se o desenho. O artista então fallou; e o principe que estava vizinho, veio subtilmente á porta e presenciou o resto do combate.
.
. o resto..... talvez se saiba quando apparecerem algumas memorias secretas d'aquelles tempos. A colera de S. Ex. voltou-se toda contra o artista, o que não deixou de causar-lhe graves embaraços, porque o perseguiu indignamente.

Chamado por Fr. Antonio da Arrabida, depois bispo de Anemuria, para decorar a bibliotheca publica, fez o nosso artista a obra que ainda se vê nas duas salas grandes, a qual em breve desaparecerá, porque lhe acontecerá o mesmo que aconteceu ás pinturas a fresco na secretaria do imperio, que foram caladas e cobertas de papel pintado. E' muito provavel que venha um bom prior do Carmo de igual gosto ao de certo abbade, e mande senão borrar aquellas pinturas, ao menos retoca-las pelo primeiro calador que encontrar á mão.

Depois da bibliotheca, passou Francisco Pedro a pintar a fresco todo o palacio da marquezia de Santos. N'esta obra desenvolveu elle um grande talento de compositor e poeta: hoje nada existe, porque este palacio foi de todo reconstruido modernamente, para attestar o regresso em que vão os nossos proprietarios abastados.

Existe ainda a casa de Placido, no largo do Rocío, pintada á tempera pelo nosso artista, e algumas outras de menor importancia.

A ultima obra que fez, e que se pode ainda admirar, é a pintura dos antigos coches da casa imperial, renovados para o segundo casamento do fundador do imperio.

Adoentado, soffrendo do peito, fez um grande esforço para acabar a illuminação que se fez no largo do Rocio em 12 de Outubro de 1830, da qual retirou-se para o leito da morte, e falleceu no dia 10 de Novembro do mesmo anno. Foi sepultado com muitas honras ecclesiasticas nas catacumbas da igreja do Hospicio, e lamentado por seus mestres e amigos.

Francisco Pedro fundou em 1827 a sociedade de S. Lucas, composta de todos os pintores, e á sua morte tinha ella um fundo sufficiente para acudir á seus irmãos necessitados.

Era homem pardo, de estatura média, e de uma physionomia regular e intelligente. Morreu solteiro, e foi o exemplo dos filhos e irmãos, pois cuidou sempre de sua velha mãe e de uma irmã que tinha em companhia. Homem perseverante no estudo, teve a coragem de copiar todos os arabescos de Raphael, todas as composições de Percier, para abandonar pela escola classica a borrominica em que fôra educado por Manoel da Costa. Foi um dos discipulos mais estimados de Mr. Debret, e muito querido de seus collegas Simplicio Rodrigues de Sá, e José Rodrigues Moreira. Fez muitos painéis, dos quaes vimos ha pouco duas cópias, mas não sabemos dos originaes; nem onde estão outros como sejam scenographias, interiores de edificios ornados, e muitas paisagens e scenas contemporaneas, das quaes ainda temos uma grande impressão, principalmente de um painel que representava uma fogueira de S. João.

Em um paiz onde a pintura monumental não existe, pouco ha a enumerar, pois que os nossos artistas são obrigados a trabalhar em tudo. Francisco Pedro do Amaral foi dourador, estucador, architecto, scenographo, decorador, paisagista, foi tudo, mas tambem foi um homem de muito engenho, e um cidadão digno de toda a estima e consideração, e de ser recommendado á posteridade. Si as suas obras o não recommendassem, não abusaria agora da vossa bondade.

Porto-alegre.